

SEMÂNTICO SEM SEMIÓTICO

Daiane Neumann*

*Une théorie est une recherche, non un
maintien de l'ordre¹.*

Resumo: O artigo que ora apresento tem como objetivo discutir o que seria uma análise do semântico sem semiótico, nos estudos da linguagem, conforme proposta de Henri Meschonnic, no desenvolvimento de sua *Teoria do ritmo*. Proponho-me, ainda, a discutir em que medida o programa proposto por Meschonnic está em consonância com as discussões apresentadas por Émile Benveniste, principalmente aquelas que permeiam o texto *Sémiologie da língua*.

Palavras-chave: Semântico. Semiótico. Émile Benveniste. Henri Meschonnic.

Abstract: This text intends to discuss what is a semantic without semiotic analyze in the language studies according to Henri Meschonnic in the development of the rhythm theory. This work intends also to discuss how the program presented by Meschonnic has a connection with the discussions produced by Émile Benveniste mainly the ones which are in the *Sémiologie de la langue*.

Keywords: Semantic. Semiotic. Émile Benveniste. Henri Meschonnic.

Introdução

Na obra *Critique du Rythme*, de Henri Meschonnic, o autor discute sobre a noção de ritmo nos estudos da linguagem. Para isso, faz um levantamento da utilização dessa palavra na obra de diversos autores, em dicionários, enciclopédias e conclui que a noção de ritmo sempre esteve estreitamente vinculada à noção de metro, não raro as duas noções foram tomadas uma pela outra, e que o artigo de Benveniste *A noção de 'ritmo' na sua expressão linguística*, originalmente publicado em 1951, no *Journal de Psychologie*, e mais tarde em *Problemas de Linguística Geral I*, em 1966, foi, na maior parte das vezes, desconsiderado dos estudos que envolvem o ritmo na linguagem.

Propõe então o autor uma outra noção de ritmo, baseada na noção que antecede aquela discutida por Platão e que é apresentada por Benveniste no artigo supracitado. Tal noção é

* Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bolsista CAPES/REUNI, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, daiane_neumann@hotmail.com

¹ Meschonnic (2009, p. 16).

denominada por Meschonnic *ritmo sem medida*², que implica também uma outra forma de conceber a linguagem. Segundo o estudioso, o ritmo caracterizado como disposição, “configurações particulares do movimento” (BENVENISTE apud MESCHONNIC 2009, p. 70) ou “arranjo característico das partes de um todo” (ibid., p. 70), “forma de movimento” (ibid., p. 70) deixa uma definição congelada que o mantinha no primado do signo e da língua, para entrar no discurso.

A *Teoria do ritmo*, desenvolvida por Henri Meschonnic, postula que o ritmo é uma organização ou configuração do sujeito no seu discurso, ou seja, uma teoria do ritmo no discurso é, portanto, uma teoria do sujeito na linguagem. Nas palavras do autor, “o ritmo no sentido, no sujeito, e o sujeito, o sentido, no ritmo, fazem do ritmo uma configuração da enunciação tanto quanto do enunciado” (MESCHONNIC, 2009, p. 72), dessa forma, “o ritmo não é um signo” (ibid., p. 72), “o ritmo faz uma antissemiótica”, “ele mostra que o poema não é feito de signos, embora linguisticamente ele seja composto de signos” (ibid., p. 72)³.

Nessa definição de ritmo, proposta por Meschonnic, pode-se perceber a influência do trabalho de Émile Benveniste, não apenas na busca por esse outro sentido da palavra ritmo, mas também no pensamento da subjetividade na linguagem e do semântico sem semiótico⁴. A discussão sobre a subjetividade na linguagem permeia toda a obra de Émile Benveniste e pode ser observada, por exemplo, na quinta parte do *Problemas de linguística geral I*, denominada *O homem na língua*, a segunda discussão, que envolve o problema do semântico sem semiótico, está no texto *Semiologia da língua*, publicado em *Problemas de linguística geral II*.

Proponho-me, neste artigo, a discutir o que seria esse semântico sem semiótico⁵ que defende Henri Meschonnic para o estudo da linguagem, em sua teoria do ritmo, e em que medida esse programa do semântico sem semiótico proposto por tal estudioso está em

² O ritmo sem medida está ligado a uma concepção de ritmo que não se relaciona à metrificação, a regras pré-estabelecidas que orientariam a produção do discurso, ou seja, o ritmo não estaria ligado somente à poesia, mas seria uma propriedade da linguagem em geral.

³ Tradução minha. No original, lê-se: “Le rythme dans le sens, dans le sujet, et le sujet, le sens, dans le rythme font du rythme une configuration de l’énonciation autant que de l’énoncé”; “Le rythme n’est pas un signe”; “Le rythme fait une antissemiotique”.

⁴ Na obra de Émile Benveniste, o autor discute sobre o que denominou o “mundo semântico” e o “mundo semiótico”. O primeiro está ligado à frase, ao discurso, enquanto o segundo está ligado ao mundo do signo, das formas. A definição de “ritmo sem medida” apresentada por Meschonnic nos permite estabelecer a relação entre o semântico sem semiótico, discussão embrionária na obra de Benveniste, desenvolvida e ampliada por Meschonnic, na medida em que, tanto em uma quanto em outra discussão, não seriam as formas – a metrificação e/ou o signo – que determinariam a configuração do discurso, mas sim esse “ritmo sem medida”, esse “semântico sem semiótico”. A totalidade do discurso é que determinaria o sentido das partes.

⁵ Tal noção, conforme já foi dito na introdução do texto, é apresentada de forma embrionária na reflexão de Benveniste e retomada, discutida e ampliada por Henri Meschonnic.

consonância com o trabalho de Émile Benveniste, principalmente no que concerne às ideias apresentadas em um dos últimos textos do linguista sírio, *Semiologia da língua*. Para isso, apresentarei na primeira seção as noções de semântico e de semiótico em Benveniste, bem como a discussão por ele desenvolvida acerca de tais noções, para que então possa apresentar a reflexão feita por Henri Meschonnic sobre os dois modos de significar e o que seria a sua proposta de uma análise do semântico sem semiótico.

O mundo semântico e o mundo semiótico em *Semiologia da língua*

Nesta seção do trabalho, discutirei sobre os dois modos de significar, o modo semântico e o modo semiótico, no texto *Semiologia da língua*⁶. Embora a construção desses dois conceitos permeie os textos *Os níveis de análise linguística*, *A forma e o sentido na linguagem* e *Semiologia da língua*, discutirei apenas sobre os conceitos apresentados no último texto, já que a reflexão feita por Henri Meschonnic do semântico sem semiótico está ligada diretamente a ele⁷.

O texto *Semiologia da língua* revela a preocupação de Benveniste enquanto continuador de Ferdinand de Saussure de pensar sobre o lugar da língua entre os sistemas de signos. Em um primeiro momento faz uma retomada breve do trabalho de Peirce, atentando para o fato de que Saussure apresentava preocupações semelhantes, na medida em que ambos conceberam a possibilidade de uma ciência dos signos e trabalharam para instaurá-la.

Através da discussão das propostas apresentadas pelos estudiosos, Benveniste se coloca ao lado de Saussure, pois “em Saussure a reflexão procede da língua e toma a língua como objeto exclusivo. A língua é considerada por ela mesma [...]”, (BENVENISTE, 2006, p. 45). Assim, segundo Saussure citado Benveniste (2006), o linguista teria uma tarefa tripla: 1. descrever sincronicamente e diacronicamente todas as línguas conhecidas; 2. depreender as leis gerais que operam nas línguas; 3. delimitar a linguística e defini-la.

⁶ Nesta seção, é importante que seja apresentada uma contextualização da reflexão de Benveniste para que então se possa compreender o que significa o mundo semântico e o mundo semiótico no texto “Semiologia da língua”. Isso é o que farei a seguir.

⁷ Embora Benveniste discuta sobre a noção de semântico e a noção de semiótico nos três textos citados nesse parágrafo, somente no último apresenta, mesmo que de forma embrionária, a discussão sobre o semântico sem semiótico. Deve-se a tal fato a opção por discutir somente as noções apresentadas no último texto. Além disso, a discussão sobre os dois modos de significar, no “Semiologia da língua”, reflete sobre tais conceitos em uma perspectiva que está mais ligada a um problema de linguagem, e não especificamente de língua, na medida em que discute sobre diferentes sistemas semióticos, diferentemente do que acontece nos dois primeiros textos. Tal discussão está bastante presente na obra de Henri Meschonnic e, portanto, configura-se como pertinente para a reflexão que pretendo desenvolver aqui.

Dessa forma, diferente de Peirce⁸, Saussure considera o signo antes de tudo uma noção linguística, que mais largamente se estende a certos ordens de fatos humanos e sociais. Assim, todos os sistemas homólogos ao da língua têm um caráter de serem sistemas de signos, a língua seria apenas o mais importante desses sistemas.

O que ligaria a linguística à semiologia seria o princípio do arbitrário do signo linguístico, por isso o objeto principal da semiologia seria o conjunto dos sistemas fundados sobre o arbitrário do signo. Benveniste se propõe então no texto a pensar o estatuto da língua em meio aos sistemas de signos.

Para isso, o linguista busca pensar sobre os sistemas não linguísticos em um primeiro momento. Afirma então que o caráter comum a todos os sistemas e o critério de sua ligação à semiologia é sua propriedade de significar ou significância, e sua composição em unidades de significância, ou signos. Um sistema então se caracterizaria por seu modo operatório (o sentido ao qual o sistema se dirige); o domínio de validade (aquele em que o sistema se impõe e deve ser reconhecido ou obedecido); a natureza e o número dos signos (a função das condições referidas anteriormente); e finalmente o tipo de funcionamento (a relação que une os signos, que lhes confere função distintiva).

Benveniste depreende ainda dois princípios que dizem respeito às relações entre sistemas semióticos, o princípio da não-redundância entre sistemas, segundo o qual não se poderia dizer a mesma coisa pela fala e pela música, portanto, não há sinonímia entre sistemas semióticos. Do primeiro resulta um segundo que seria o fato de dois sistemas poderem ter o mesmo signo em comum sem que daí resulte sinonímia ou redundância, pois esses signos adquirem valores diferentes ao comporem sistemas diferentes.

A relação estabelecida entre os sistemas semióticos deverá ser de natureza semiótica. Segundo o autor, essa relação dar-se-á então entre um sistema interpretante e um sistema interpretado. A língua será então o interpretante de todos os outros sistemas⁹, pois os signos da sociedade podem ser integralmente interpretados pelos signos da língua, jamais o inverso. Pode-se inferir daí que os subsistemas semióticos que estão no interior da sociedade serão logicamente interpretados pela língua, já que a sociedade os contém.

⁸ Pierce, segundo Benveniste, esforçou-se para analisar no quadro semiótico as noções lógicas, matemáticas, físicas, mas também psicológicas e religiosas. Essa reflexão se armou de um aparelho cada vez mais complexo de definições visando a repartir a totalidade do real, do concebido e do vivido nas diferentes ordens de signos. Para construir tal “álgebra universal das relações”, Peirce teria apresentado uma tripla divisão dos signos, em ícones, índices e símbolos, que é o que se retém hoje da imensa arquitetura lógica que ela subentende.

⁹ Por exemplo, da música, das artes plásticas, dos sinais de trânsito.

Segundo o linguista, todo o sistema semiótico que repousa sobre signos deve comportar: 1. um repertório finito de signos; 2. regras e arranjo que governa suas figuras; 3. independentemente da natureza e do número de discursos que permite produzir. Observando esta proposta, o autor percebe que nenhuma das artes plásticas parece reproduzir esse modelo.

Benveniste faz ainda uma distinção entre unidade e signo. Para o linguista, todo signo configura-se como uma unidade, mas nem toda unidade é um signo. Apresenta o exemplo da *linguagem* artística em que as relações significantes são descobertas no interior de uma composição, visto que nas artes figurativas, as cores são designadas, elas não designam nada, não remetem a nada, não sugerem nada de maneira unívoca, o artista as escolhe, dispõe-nas à vontade sobre a tela, o artista tem o poder de criar assim sua própria semiótica. Ele institui assim as oposições em traços que ele próprio torna significante em sua ordem.

Há, portanto, uma diferença entre os sistemas em que a significância é posta pelo autor na obra e os sistemas em que a significância é expressa pelos elementos primeiros em estado isolado, independentemente das relações que possam contrair. É necessário cada vez descobrir a significância da arte, em que os termos são ilimitados em número, imprevisíveis por natureza, reinventados a cada obra. A significância da língua, que está ligada ao mundo semântico e ao mundo semiótico de uma só vez, é a significância mesma, logo, funda a possibilidade de toda troca e de toda comunicação e também de toda a cultura.

Para Benveniste são três as relações possíveis entre sistemas semióticos: as relações de engendramento, em que um sistema pode engendrar o outro, por exemplo, o alfabeto normal engendra o alfabeto Braile; as relações de homologia, que estabelecem uma correlação entre as partes de dois sistemas semióticos, por exemplo na obra de Baudelaire os perfumes, as cores e os sons se correspondem; e por fim as relações de interpretância entre sistemas semióticos, em que a língua se configuraria, como já dito aqui, como o sistema interpretante de todos os outros.

A língua seria o único sistema que disporia de uma *língua* na qual possa se categorizar e se interpretar segundo suas distinções semióticas, além de poder categorizar e interpretar todos os outros sistemas. A língua seria então a organização semiótica por excelência. Essa situação privilegiada deve-se ao fato de ser um sistema que significa de maneira específica, pois é investida de dupla significância porque combina dois modos distintos de significar, o modo semântico e o modo semiótico.

Para Benveniste, todo o estudo semiótico consistirá em identificar as unidades, descrever suas marcas distintivas e descobrir os critérios cada vez mais sutis dessa

distintividade. O signo seria chamado a afirmar com maior clareza sua própria significância em uma constelação ou em meio ao conjunto dos signos. O signo seria então puramente idêntico a si mesmo, pura alteridade em relação a qualquer outro, base significante da língua, material necessário da enunciação.

Já com o semântico entraríamos no modo específico de significância que é engendrado pelo discurso, onde não é uma adição de signos que produz o sentido, mas o sentido (o “*intente*”) que concebido globalmente se realiza e se divide em signos particulares, que seriam as palavras. Assim, “o semiótico (o signo) deve ser RECONHECIDO; o semântico (o discurso) deve ser COMPREENDIDO.” (2006, p. 66).

O privilégio da língua é de comportar simultaneamente a significância dos signos e a significância da enunciação. Os outros sistemas teriam uma significância unidimensional: ou semiótica, como os gestos de cortesia, ou semântica, como as expressões artísticas. Dessa dupla significância é que provém o seu poder de criar um segundo nível de enunciação. Nesta faculdade metalinguística é que se encontra a origem da relação de interpretância da língua que englobaria todos os outros sistemas.

Segundo Benveniste, do signo à frase não haveria transição, nem por sintagmatização nem por nenhum outro modo, um hiato os separaria. Cada um dos dois domínios exigiria seu próprio aparelho conceptual. Para o domínio semiótico, a teoria saussuriana do signo serviria de base à pesquisa. No entanto, o domínio semântico precisaria de um novo aparelho de conceitos e de definições.

Benveniste termina o seu artigo trazendo a necessidade de ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único, do qual dependeria simultaneamente a estrutura e o funcionamento da língua. Essa ultrapassagem se faria por duas vias: da análise intralinguística, pela abertura de uma nova dimensão de significância, a do discurso, que é denominada por ele *semântica*, distinta daquela que está ligada ao signo, a *semiótica*; e da análise translinguística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metassemântica que se construirá sobre a semântica da enunciação.

O desenvolvimento da reflexão de Benveniste levou-o a perceber que há dois domínios distintos na língua, que é o domínio do semiótico e do semântico. O primeiro estaria ligado ao sistema de signos da língua, às formas, às suas regularidades, enquanto o segundo se ligaria à enunciação, ao sentido, ao irregular, único, irrepetível. Condição esta que transformaria então a língua em o único sistema de signos que pode interpretar a si mesmo e a todos os outros sistemas. A teoria saussuriana do signo seria suficiente para a base da

pesquisa no domínio semiótico, enquanto o domínio semântico necessitaria de um novo aparelho de conceitos e de definições.

A seguir, discutirei sobre a leitura de Henri Meschonnic deste artigo, bem como sobre o que significa para este estudioso da linguagem esse semântico sem semiótico e de que forma o desenvolvimento de sua teoria do ritmo acaba por filiar-se a esse programa proposto por Benveniste ao final do artigo.

Semântico sem semiótico em Henri Meschonnic

Henri Meschonnic, em *Benveniste: sémantique sans sémiotique*, toma o texto *Semiologia da língua*, de onde tira as três palavras *semântico sem semiótico*, como ponto de partida para sua discussão.

O autor vê a discussão feita sobre as artes plásticas como algo que pode reforçar a noção segundo a qual o sistema pode não possuir unidades. Pois, poder-se-ia encontrar aproximações na obra de um ou outro artista, no entanto não se tratam mais de condições gerais e constantes, mas de uma característica individual. A arte seria somente uma obra de arte particular.

Dessa forma, a grande novidade trazida por Benveniste seria ter ousado dissociar a unidade e o signo. Pois de acordo com o linguista, em *Semiologia da língua*, o signo é necessariamente uma unidade, no entanto, a unidade pode não ser um signo. Essa discussão leva Meschonnic (2008a) a considerar que se a obra toda é uma unidade, a unidade não é um signo, e, portanto, a obra não é feita de signos. Assim, “uma obra de linguagem é plena de palavras, mas não são as palavras que fazem a obra, é a obra que faz o que em seguida se atribui às palavras” (MESCHONNIC, 2008a, p. 395-396)¹⁰. Para corroborar seu ponto de vista, Meschonnic cita Humboldt, para quem as palavras não precedem o discurso em geral, mas o procedem, o que segundo este é tão verdadeiro para uma obra de linguagem como para um sistema de discurso.

Ao discutir sobre o fato de que o artista não recebe um repertório de signos, conhecidos como tais, e não estabelece um, Benveniste, em *Semiologia da língua*, afirma que o artista cria a sua própria semiótica. No entanto, para Meschonnic (2008a), Benveniste deveria ter dito que o artista cria o seu próprio semântico, pois um semiótico de uma só

¹⁰ Tradução minha. No original, lê-se: “Une oeuvre de langage est pleine de mots, mais ce n'est pas les mots qui font l'oeuvre, c'est l'oeuvre qui fait ce qu'on attribue ensuite aux mots”.

unidade não pode ser um semiótico, ou seja, só há semiótico em um sistema de signos, generalizável e generalizado a outros signos, a outros discursos, como é o caso da língua.

A elaboração do discurso, por Benveniste, segundo Meschonnic (2008a), também faria dele um caminho inevitável para pensar o contínuo na linguagem, uma posição linguística do sujeito em sua enunciação, que serviria de base para a constituição mais tarde do sujeito do poema¹¹, o qual figura como uma noção retórica, poética, ética e política, contra o que Meschonnic chama de “semiotização ambiente”¹² (2008a, p. 397). Para o autor (2008b), Benveniste dá à poética sua condição primeira de possibilidade, pela noção de discurso e de sujeito do discurso.

Benveniste afirma então em seu texto que as relações significantes da linguagem artística são descobertas no interior de uma composição. A arte seria somente uma obra de arte particular, em que o artista pode livremente instaurar as oposições, os valores, com os quais tem a liberdade de jogar soberanamente, não havendo, portanto, uma resposta a esperar, nem uma contradição a eliminar, mas somente uma visão a exprimir, segundo os critérios, conscientes ou não, dos quais a composição toda porta testemunho e torna-os manifestação.

Para Meschonnic (2008a), isso significa que a relação entre semiótico e semântico se torna interna à obra e é o resultado desta. A obra de arte seria então sempre particular, se ela se constitui a cada vez pelo semântico sem semiótico, que para o autor (2008a) é outra forma de dizer que semiótico e semântico são um só e o mesmo – “tensão de Heráclito”¹³ (ibid. p, 403) – e de revelar a tensão interna do semântico sem semiótico.

O que nos leva a perceber que na fórmula que dá título ao texto de Henri Meschonnic, *semântico sem semiótico*, retirada do texto de Benveniste, a preposição *sem* não estaria anulando a presença do semiótico, mas sim, diluindo-a no semântico. O uso da preposição torna o semiótico único, na medida em que sua relação com o semântico é sempre única. Dizer semântico sem semiótico significa observar a linguagem a partir de seu caráter único, singular, irrepetível, e não daquilo que é geral ou generalizável, de forma que até mesmo o

¹¹ Meschonnic discute em sua obra sobre a poesia, já que, segundo o estudioso, esta é uma atividade da linguagem, um modo de significar que expõe mais do que todos os outros o jogo da linguagem, sua historicidade. Dessa forma, o autor alerta o leitor para que este último perceba sua discussão, como uma discussão que envolve a linguagem como um todo. Dessa particularidade surge a denominação do “sujeito do poema”.

¹² A “semiotização ambiente” a que se refere o autor está ligada a algumas críticas por ele apresentadas em seus textos direcionadas à linguística, que se detém ao estudo do signo, da forma, e não do discurso.

¹³ Em Heráclito, as coisas são como são justamente porque são resultados da luta, da guerra, entre os contrários. Para Meschonnic, a obra da arte seria construída a partir dessa tensão, dessa luta entre o mundo semântico e o mundo semiótico, que se tornam apenas um.

semiótico, em sua tensão com o semântico, seja tido como singular, devido à relação que estabelece com este, que sempre será nova, única, singular.

Para Meschonnic (2008a), a rejeição de uma convenção indica que a teoria tem por tarefa esclarecer a implicação recíproca entre a poética de uma obra de arte particular e a poética da poética. Essa situação única na linguagem do semântico sem semiótico definiria ao mesmo tempo a arte, a literatura e a linguagem como crítica do signo.

Outra discussão proposta por Meschonnic (2008a) a partir da leitura do texto de Benveniste é que, segundo o autor, *falar-de*, que é a função da língua, enquanto aquela que possui o modo semântico e semiótico coloca um objeto externo ao ato de enunciação, um objeto diante de um sujeito, um objeto de que se diz qualquer coisa em uma relação clássica como aquela entre o tema e o predicado. No entanto, quando essa função é confrontada com a obra de arte, quando ela é definida como um semântico sem semiótico, o *falar-de* se acha em uma relação radicalmente insatisfeita, por uma relação interna que designa não mais um *falar-de*, mas um *dizer*.

Segundo o estudioso da linguagem, há portanto um transitivo externo, quando se trata do modo bidimensional da linguagem – semântico e semiótico – e um transitivo interno, quando se trata do semântico sem semiótico, para um obra de arte. A relação entre ambos não seria mais então de interpretância, segundo Meschonnic (2008a), mas de uma homologia específica.

Esse semântico sem semiótico, então, a cada vez *diz* e *faz* (MESCHONNIC, 2008a, p. 408), no contínuo de um sistema de discurso. Esta é uma atividade específica radicalmente distinta do *falar-de* e transformadora do que se *diz*, transformadora do modo de significar, de compreender, de escrever e de ler. Ou seja, ao alterar o modo de conceber a linguagem, observando-a do ponto de vista do semântico sem semiótico, altera-se radicalmente a forma como se observa, analisa e compreende a linguagem.

Para Meschonnic (2008a), é nesse conflito entre o *falar-de* e o *dizer* e a partir do reconhecimento de tal, na irredutibilidade da obra de arte particular ao *falar-de* que se situa a relação entre a poética e a teoria da linguagem. Haveria, portanto, um choque entre o infinito do sentido e o valor próprio da obra, que seria sempre suscetível de uma leitura nova, seu infinito semântico, sua diversidade, alteridade e a totalidade semiótica da língua, que supõe o primado da identidade, os mesmos valores de referência. O que leva o autor a questionar, como a relação entre um semântico sem semiótico e a língua como sistema semiótico e semântico pode ser semiótica?

Por isso, Meschonnic (2008a) percebe que a relação entre semântico sem semiótico e semiótico-língua não serve e não servirá jamais, pois há e haveria sempre um resto, indefinido e infinito, que escapa à interpretação e que define um vir a ser irredutível do valor e do sentido, cujo lugar é a arte. A dificuldade de pensar a arte é o fato de que nela não há nada além das obras, só há o particular para pensar o geral.

Quando há semântico sem semiótico, cessa essa dupla relação de interpretância¹⁴ da língua, o que faz dela um modelo sem análogo; cessa, portanto, a dupla articulação da linguagem. O que nos mostra a preocupação de Meschonnic com o desenvolvimento de uma *translinguística*, conforme propõe Benveniste no final programático de *Semiologia da língua*. Esta translinguística teria de dar conta do estudo dos textos, das obras, no entanto, me parece que para Meschonnic é impossível fazer esse trabalho se não se considera a língua de um ponto de vista que realmente possa estabelecer um diálogo com as artes, por exemplo.

Para o autor (2008a), desde que a linguagem é considerada na ordem do discurso, *na física do discurso* (MESCHONNIC 2008a, p. 411), e especialmente nos sistemas de discurso que são a realização máxima do semântico sem semiótico, o que se observa é o funcionamento do contínuo, que mascara a representação do signo.

O contínuo seria então o ritmo como organização do movimento da fala na escrita e na oralidade, não mais como oposição dual do oral e escrito no signo, mas como o primado do ritmo e da prosódia como modo de significar. Há então semântico sem semiótico, segundo Meschonnic (2008a), quando o contínuo do sujeito do poema faz a historicidade de um texto, quando a narrativa faz a sua narração dominar a narração do enunciado. Há, portanto, mais do que sentidos e formas, há uma atividade do discurso que pode ser ouvida no seu fazer, o que não é necessariamente o que dizem as palavras.

O semântico sem semiótico só teria lugar no discurso, não na língua, é preparado para a análise mesma do discurso em Benveniste, em termos de globalidade e não de identidades sucessivas. Segundo Benveniste (apud MESCHONNIC, 2008a, p. 412), “não é uma adição de signos que produz o sentido, é ao contrário o sentido (o *‘intenté’*), concebido globalmente, que se realiza e se divide em ‘signos’ particulares que são as PALAVRAS”. Concepção muito próxima daquela de Humboldt (apud MESCHONNIC, 2008a, p. 412) “na realidade, o

¹⁴ A dupla interpretância da língua está ligada ao fato de que a língua interpretaria a si mesma e aos outros sistemas.

discurso não é composto por palavras que o precedem, mas são as palavras ao contrário que procedem de todo do discurso”.¹⁵

Conforme já refleti aqui, para Meschonnic (2008a, p. 412) “o que se opõe às noções de unidade e de identidade no descontínuo do signo, onde se previa a dupla articulação não é a ausência de unidade e identidade, mas a interação e implicação recíproca dos elementos do discurso no contínuo”. Para o autor, a faculdade metalinguística, tal como ela é proposta por Benveniste, não basta mais para analisar a obra de arte particular.

Há de se pensar em um novo aparelho de conceitos e definições, conforme prevê Benveniste ao final de *Semiologia da língua*, para modificar a representação comum do discurso, em que se insere aquela do signo. A análise translinguística dos textos, das obras, somente se dará através da elaboração de uma metassemântica que será constituída sobre a semântica da enunciação, e será uma semiologia de segunda geração, cujos métodos e instrumentos poderiam também concorrer para o desenvolvimento de outro ramo da semiologia geral.

De acordo com Meschonnic (2008a, p. 415), “é sobre esta via que se situa a poética do ritmo”¹⁶. Para ele, se a análise *intralinguística* designa na língua os dois domínios do semiótico e do semântico, a análise *translinguística* deveria ser um sair fora da língua, portanto fora do signo, através do primado do semântico sem semiótico, já que ela trata dos textos e das obras.

A crítica do ritmo é a teoria e a prática do sistema contra a redução à palavra, ao nome. Ela passa, portanto, por uma crítica da metafísica da linguagem, que segundo Meschonnic (2009), a psicanálise incluiu nos diversos estágios de seu desenvolvimento. Para o autor, “o arbitrário e o ritmo são ligados pela mesma problemática” (MESCHONNIC, 2009, p. 93)¹⁷. A anterioridade do ritmo é no discurso a prioridade de um elemento do discurso sobre um outro, que são as palavras, seus sentidos.

Para o autor (2009), se há uma anterioridade do ritmo, ela precede o sentido das palavras, mas não as palavras mesmas. Há no ritmo uma prioridade sobre o pensamento, anterioridade cronológica do metro, o que o torna, portanto, uma “anterioridade antropológica, uma pré-história em nós”, “os ritmos são as partes mais arcaicas da linguagem.

¹⁵ Tradução minha, no original lê-se: “ce n’est pas une addition de signes qui produit le sens, c’est au contraire le sens (l’”intenté”) , conçu globalement, qui se réalise et se divise en “signes” particuliers, qui sont les MOTS”; “Dans la réalité, le discours n’est pas composé de mots qui le précèdent, mais ce sont les mots au contraire qui procedente du tout du discours”.

¹⁶ Tradução minha. No original, lê-se: “C’est sur cette voie que je situe la poétique du rythme”.

¹⁷ Tradução minha. No original, lê-se: “L’arbitraire et le rythme sont liés par le même enjeu.

Eles são no discurso um modo linguístico pré-individual, inconsciente como todo o funcionamento da linguagem. Eles são no discurso um elemento da história individual”. (MESCHONNIC, 2009, p. 100).¹⁸

O ritmo na linguagem é a organização das marcas pelas quais os significantes, linguísticos e extralinguístico – em caso de comunicação oral – produzem uma semântica específica, distinta do sentido lexical, a que Meschonnic chama de significância, isto é, os valores próprios a um discurso e a um só. As marcas podem se situar em todos os níveis da linguagem, no nível acentual, prosódico, lexical, sintático. Eles constituem um paradigma e um sintagma que neutralizam a noção de nível. Dessa forma, cessa a redução de sentido unicamente ao léxico, a significância refere-se a todo o discurso e está em cada consoante, em cada vogal, que tanto no paradigma quanto no sintagma emite séries.

Considerações finais

Ao final da discussão, é possível observar que embora Henri Meschonnic filie-se de forma explícita em sua obra à proposta de Émile Benveniste, inclusive operando com diversas referências a textos e considerações sobre o conjunto da obra do referido linguista, desenvolve reflexões para a construção de uma teoria do ritmo que lhe são próprias, que partem de Benveniste, mas acabam por receber uma configuração que lhes permite avançar¹⁹.

Henri Meschonnic pretende, como postula em seu texto, desenvolver a metassemântica proposta por Émile Benveniste, que foi prevista por este, mas não desenvolvida no conjunto de sua obra. Surge daí a necessidade de organizar e desenvolver um novo aparelho de conceitos e definições para que se possa operar com o estudo dos textos, das obras, que culmina no desenvolvimento da teoria do ritmo, a qual opera suas análises através da observação do semântico sem semiótico.

Ainda é importante ressaltar que Henri Meschonnic defende em sua obra, *Critique du rythme* (2009), que se repense o paradigma científico que busca classificar, enquadrar seu objeto de estudo a fim de operar com generalizações. Nessa proposta, o autor faz uma severa

¹⁸ Tradução minha. No original, lê-se: “une antériorité anthropologique, une préhistoire en nous”; “Les rythmes sont la part la plus archaïque dans le langage. Ils sont dans le discours un mode linguistique pré-individuel, inconscient comme tout le fonctionnement du langage. Ils sont dans le discours un élément de l’histoire individuelle.

¹⁹ De acordo com Jürgend Trabant (2005), as três grandes referências do trabalho e da obra de Meschonnic são Wilhelm von Humboldt, Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste. No entanto, discuti apenas a referência à obra do último em razão da temática abordada no presente trabalho.

crítica a esse paradigma de ciência que opõe a racionalidade à irracionalidade, com o objetivo de tratar os estudos e pesquisas que não se enquadram em seu paradigma como desprovidos de seriedade, rigor. Para o autor, uma pesquisa infinita como aquela do sentido, da história não se identifica com nenhuma norma, nenhuma autoridade e dela nenhuma verdade-unidade-totalidade pode nascer.

Meschonnic opõe-se a esse paradigma e propõe que se pense uma teoria da linguagem que esteja em consonância com o desenvolvimento das ciências humanas, que possa servir de base ao estudo dessas ciências, a partir do caráter antropológico e histórico da linguagem. Esse caráter antropológico e histórico está ligado ao fato de que somente através da linguagem é que os sujeitos podem constituir-se e construir a sua história, somente através dela podem, por consequência, construir a sociedade. Pensar a linguagem como constitutiva do homem e da sociedade nos obriga a pensar o singular, o único, o irrepetível, o que nos leva a uma alteração do paradigma científico que postula a busca pelo padrão, regular, generalizável.

A partir dessa reflexão, torna-se imperativo que não se observe o semântico sem semiótico, proposto pelo autor, como uma mera oposição ao estudo que busca o geral e generalizável, mas que se perceba que não se trata de afirmar que há uma ausência de unidade e identidade, e sim que há interação e implicação dos elementos do discurso, isto é, que há interação e implicação entre semântico e semiótico. Há um primado do discurso, do ritmo e da prosódia como modo de significar, do contínuo, e não mais do signo, do descontínuo, o que nos leva a outro paradigma de ciência, que tem suas primeiras configurações, dentro dos estudos da linguagem, na obra de Émile Benveniste.

Referências

BENVENISTE, E. Semiologia da língua. In: _____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006.

_____. O “ritmo” em sua expressão linguística. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005.

MESCHONNIC, H. *Critique du rythme*. Lonrai, França: Éditions Verdier, 2009.

_____. Benveniste: sémantique sans sémiotique. In: *Dans le bois de la langue*. Paris: Editions Laurence Teper, 2008 (a).

_____. Seul comme Benveniste. In: *Dans le bois de la langue*. Paris: Editions Laurence Teper, 2008 (b).

TRABANT, J. Le Humboldt d' Henri Meschonnic. In : DESSONS, G.; MARTIN, S.; MICHON, P. *Henri Meschonnic, la pensée et le poème*. Paris: Éditions IN PRESS, 2005.